ANGELINE BOULLEY

A Filha do Guardião do Fogo

intrínseca

A Filha do Guardião do Fogo

ANGELINE BOULLEY

TRADUÇÃO DE BRUNA MIRANDA

intrínseca

Copyright © 2021 by Angeline Boulley

TÍTULO ORIGINAL
Firekeeper's Daughter

EDIÇÃO
Júlia Ribeiro

PREPARAÇÃO
Stéphanie Roque

REVISÃO
Anna Beatriz Seilhe
Daiane Cardoso
Thais Entriel
Theo Araújo

CONSULTORIA
Mayra Sigwalt

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA
Moses Lunham

DESIGN DE CAPA
Rich Deas e Kathleen Breitenfeld

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B777f
Boulley, Angeline, 1966-
A filha do guardião do fogo / Angeline Boulley ; tradução Bruna Miranda. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
432 p. ; 23 cm.

Tradução de: Firekeeper's daughter.
ISBN 978-65-5560-452-8

1. Ficção americana. I. Miranda, Bruna. II. Título.

22-78196 CDD: 813
CDU: 82-3(73

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Estou paralisada feito uma estátua na floresta. Apenas meus olhos se movem, indo da arma até sua expressão assustada.

Arma. Choque. Arma. Descrença. Arma. Medo.

TUN-TUM-TUN-TUM-TUN-TUM.

O revólver de cano curto sacode com o leve tremor da mão que o aponta para mim.

Eu vou morrer.

Franzo o nariz ao sentir um cheiro doce de óleo. Um cheiro familiar. Baunilha e óleos minerais. Lubrificante WD-40. Alguém usou para limpar a arma. Mais aromas: pinho, musgo, suor e xixi de gato.

TUN-TUM-TUN-TUM-TUN-TUM.

A mão trêmula mexe a arma para cima e para baixo, como se empunhasse um facão. Cada movimento diagonal em direção ao chão me dá esperança. Melhor um alvo aleatório do que eu.

Mas o terror toma conta do meu coração de novo. A arma. Apontada para o meu rosto.

Mãe. Ela não vai sobreviver à minha morte. Uma bala mataria nós duas.

A mão corajosa de alguém alcança a arma. Dedos esticados. Exigindo. Me dá. Agora.

TUN-TUM-TUN…

Estou pensando na minha mãe quando o disparo muda tudo.

PARTE I

WAABANONG

(LESTE)

NOS ENSINAMENTOS OJIBWE, TODAS AS JORNADAS COMEÇAM EM DIREÇÃO AO LESTE.

CAPÍTULO 1

Eu começo meu dia antes do nascer do sol, colocando minhas roupas de corrida e deixando um pouco de semaa na face leste de uma árvore, onde o sol vai tocar o tabaco primeiro. Começo as orações com uma oferenda de semaa e dizendo meu nome espiritual, Clã, e de onde sou. Eu sempre falo um nome a mais para garantir que o Criador saiba quem sou. Um nome que me conecta ao meu pai, porque comecei como um segredo e, então, me tornei um escândalo.

Agradeço ao Criador e peço por zoongidewin, porque vou precisar de coragem para o que preciso fazer depois da minha corrida. Tenho adiado isso por uma semana.

O céu clareia enquanto me alongo na frente de casa. Meu irmão reclama da minha longa rotina de aquecimento quando corre comigo. Eu sempre digo para o Levi que por meus músculos serem mais longos, maiores e, portanto, melhores, eles precisam de uma preparação mais intensa para conseguir um bom desempenho. O verdadeiro motivo, que ele acharia idiota, é que eu recito o nome de cada músculo do corpo enquanto me alongo. Não só os superficiais, mas os mais profundos também. Quero sair na frente dos outros calouros na aula de Anatomia Humana no primeiro semestre da faculdade.

Quando eu termino o aquecimento e a revisão de anatomia, o sol já está saindo por detrás das árvores. Um raio de luz toca a minha oferenda de semaa. Niishin! *Isso é bom*.

Os primeiros quilômetros da minha corrida são sempre os mais difíceis. Parte de mim ainda quer estar na cama com minha gata, Herri, cujo ronronar tem o efeito contrário de um despertador. Mas se consigo superar isso, minha respiração encontra seu ritmo, seguindo o balançar do meu rabo de cavalo. Minhas pernas e braços funcionam no piloto automático. É nesse momento que minha mente vai para longe, para um lugar onde eu ainda faço parte deste mundo, mas também estou em outro lugar, e os quilômetros passam despercebidos.

Meu percurso passa por dentro do campus. A melhor vista de Sault Ste. Marie, no Michigan, é do outro lado. Eu mando um beijo quando passo em frente ao novo dormitório da Lake State, o Fontaine Hall, que leva o nome do meu avô por parte de mãe. Minha avó, Mary — eu a chamo de GrandMary — insistiu para que eu usasse um vestido para a cerimônia em homenagem a ele no verão passado. Fiquei tentada a fazer cara feia nas fotos, mas eu sabia que minha provocação magoaria mais minha mãe do que irritaria minha avó.

Eu corto caminho pelo estacionamento que fi ca atrás do centro estudantil e vou em direção à parte norte do campus. O penhasco mostra uma linda vista panorâmica do rio St. Marys, a ponte para o Canadá e a cidade de Sault Ste. Marie, em Ontario. Localizada na curva do rio, ao leste, está meu lugar favorito do mundo: Sugar Island.

O sol nascente se esconde atrás de uma nuvem baixa e escura no horizonte para além da ilha. Eu paro, maravilhada. Raios de luz saem de trás da nuvem, como se Sugar Island fosse a fonte deles. Uma brisa gelada balança minha camiseta, me deixando arrepiada em pleno verão.

— Ziisabaaka Minising — digo o nome da ilha em anishinaabemowin, que meu pai me ensinou quando eu era pequena. É como uma reza. A família do meu pai, o lado Firekeeper, é tão parte dessa ilha quanto os riachos e as árvores de bordo.

Quando a nuvem se move e o sol reivindica seus raios, o vento me impulsiona a seguir adiante. De volta para a minha corrida e para a tarefa que tenho à frente.

Quarenta e cinco minutos depois, termino meu percurso no EverCare, um lar para idosos que fi ca a alguns quarteirões de casa. Hoje a corrida pareceu ter sido ao contrário: o ápice do desempenho foi na primeira parte e depois

foi ficando mais difícil. Até tentei esvaziar a mente, mas estava fora do meu alcance.

— Bom dia, Daunis — disse a sra. Bonasera, a enfermeira-chefe, da recepção. — Mary teve uma noite tranquila. Sua mãe já está aqui.

Ainda recuperando o fôlego, aceno dando bom-dia.

O corredor parece mais longo a cada passo. Eu me preparo para as possíveis reações para o que vou dizer. Nos cenários que criei, uma mera testa franzida demonstraria decepção, irritação e retratação de qualquer conquista prévia.

Talvez eu devesse esperar até amanhã para anunciar minha decisão.

A sra. B nem precisava me avisar; o cheiro forte de rosas no corredor indicava a presença da minha mãe. Quando entro no quarto, ela está massageando os braços finos da minha avó com um hidratante floral. Um buquê de rosas amarelas no quarto contribuiu para a saturação de aromas.

GrandMary está morando no EverCare há seis semanas, e, no mês anterior, estava no hospital. Ela teve um derrame durante minha festa de formatura do ensino médio. Visitá-la todos os dias faz parte do Novo Normal, que é como eu chamo quando o mundo vira ao avesso e você nunca mais consegue voltar ao que era antes. Mas você continua tentando.

Os olhos da minha avó encontram os meus. Sua sobrancelha esquerda se ergue ao me reconhecer. O lado direito não consegue demonstrar uma reação.

— *Bon matin*, GrandMary. — Eu beijo suas bochechas e dou um passo para trás para que ela me olhe da cabeça aos pés.

No Antes, seu exame meticuloso de como eu me visto me irritava demais. Mas agora? O olhar insatisfeito para a minha camiseta larga me dá a mesma satisfação de acertar um *slapshot* no hóquei.

— Viu? Não estou seminua — digo brincando e levantando a barra da camiseta para mostrar meu short de exercício amarelo.

Enquanto revirava os olhos discretamente, a expressão de GrandMary fica vazia. É como se ela tivesse uma lâmpada dentro da cabeça que acende e apaga aleatoriamente.

— Dê um tempinho para ela — sugere minha mãe, ainda passando o hidratante nos braços de GrandMary.

Eu concordo com a cabeça e dou uma olhada no quarto. A grande janela quadrada com vista para o *playground*. O quadro branco com o cabeçalho OLÁ, MEU NOME É MARY FONTAINE, uma linha para alguém preen-

cher depois de MINHA ENFERMEIRA. A linha depois de MINHAS METAS está vazia. O vaso com rosas cercado por fotografias. GrandMary e Vovô Lorenzo no dia do casamento. Um porta-retratos duplo com minha mãe e Tio David vestidos de anjos no dia da primeira comunhão. Minha foto de formatura está em uma moldura prateada com "Turma de 2004" escrito.

A última foto de nós quatro, os Fontaine — eu, minha mãe, Tio David e GrandMary —, na minha final de hóquei me dá um grande nó na garganta. Por muitas noites fui dormir ouvindo minha mãe e o irmão rindo, jogando cartas e conversando em uma língua que criaram quando eram crianças, uma mistura de francês, italiano, inglês abreviado e palavras inventadas. Mas isso foi antes de o Tio David morrer em abril e de GrandMary, tomada pelo luto, ter um AVC hemorrágico dois meses depois.

Minha mãe não ri neste Novo Normal.

Ela levanta a cabeça. Seus olhos verdes estão cansados e vermelhos. Em vez de dormir, ela passou a noite anterior inteira limpando freneticamente a casa enquanto conversava com meu tio, como se ele estivesse sentado no sofá olhando enquanto ela varria e passava pano. Ela faz isso com frequência. Às vezes eu acordo nesses momentos, quando minha mãe confessa para ele sua solidão e seus arrependimentos, sem saber que eu sou fluente na língua secreta deles.

Enquanto espero minha avó voltar a si, pego um batom na cestinha da mesa de cabeceira. GrandMary acredita que deve sempre começar o dia com um grande sorriso e lábios vermelhos. Enquanto passo o batom *matte* em seus lábios finos, eu me lembro do meu pedido por coragem. Ter zoongidewin é encarar os medos com um coração forte. Estou tremendo, e o tubo dourado na minha mão se agita como se fosse um sismógrafo.

Minha mãe termina de passar o hidratante e beija a testa de GrandMary. Eu já recebi tantos desses beijos que sinto o eco de um deles na minha própria testa. Espero que GrandMary consiga sentir os efeitos do remédio mesmo quando a lâmpada estiver apagada.

Quando minha avó estava no hospital, eu monitorava todos os dias quantas vezes ela piscava durante o mesmo intervalo de quinze minutos. Minha mãe não se importou com isso até reparar a contagem de LÂMPADA ACESA e LÂMPAGA APAGADA. O número total de piscadas não mudou, mas a porcentagem de vezes alerta (LÂMPADA ACESA dividido pelo número de piscadas) começara a diminuir. Mamãe ficou tão chateada quando viu essa conta

que passei a deixar o caderno de contagem escondido no quarto de GrandMary, e só o uso quando minha mãe não está aqui.

Acontece. GrandMary pisca e seus olhos se iluminam. LÂMPADA ACESA. Simples assim, o olhar foca e ela é mais uma vez uma força da natureza, a matriarca Fontaine.

— GrandMary — digo rapidamente —, vou adiar minha admissão na Universidade do Michigan e me matricular nas aulas da Lake State. Só durante esse primeiro ano.

Eu prendo a respiração, esperando por sua decepção pelo meu desvio do Plano: dra. Daunis Lorenza Fontaine.

No começo, eu fui na onda, na esperança de que ela se orgulhasse de mim. Cresci ouvindo as pessoas sussurrando com uma satisfação mesquinha sobre o Grande Escândalo na Vida Perfeita de Mary e Lorenzo Fontaine. Eu disfarcei tão bem e por tanto tempo que o plano dela tinha se tornado o meu. Nosso plano. Eu amava esse plano. Mas isso foi no Antes.

GrandMary me encara de forma tão suave quanto os beijos de mamãe. Alguma coisa acontece entre mim e minha avó. Ela entende por que eu estou mudando nosso plano.

Sinto pequenas pontadas no nariz, as mesmas de quando estou prestes a chorar, de alívio, de tristeza, ou dos dois. Talvez exista alguma palavra em anishinaabemowin para quando você se sente forte pela primeira vez depois de uma tragédia.

Minha mãe dá a volta na cama e me puxa para um abraço que me tira o fôlego. Seus soluços de felicidade vibram em mim. Eu consegui deixar minha mãe feliz. Sabia que deixaria, mas não esperava sentir tanto alívio por isso. Ela estava me incentivando a não fazer uma faculdade longe de casa, até encorajava Levi a me convencer disso. Pediu para eu me inscrever para a admissão da Lake State em janeiro como presente de aniversário. Eu concordei, certa de que nada iria acontecer. Então, aconteceu.

Um pássaro bate na janela. Minha mãe se assusta e me solta do abraço. Dou apenas três passos em direção à janela quando o pássaro se levanta, agitado, tentando se equilibrar novamente antes de continuar sua jornada.

Vovó Pearl, minha nokomis Anishinaabe do lado Firekeeper, acreditava que um pássaro ir de encontro a uma janela era um mau sinal. Ela correria para fora, uma das mãos marrons e ásperas sobre a boca, sussurrando "uh-

-uh-oh" para o pequeno pescoço quebrado, antes de chamar suas irmãs para ajudar e adivinhar qual tragédia estava prestes a acontecer.

Já GrandMary diria que é algo aleatório e infeliz. Nada mais do que a consequência involuntária de uma janela limpa. *Superstições de* índio *não são fatos, Daunis*.

Minhas avós Zhaaganaash e Anishinaabe não poderiam ser mais diferentes. Uma delas vê o mundo de forma simples e superficial, enquanto a outra vê as conexões e lições que são mais antigas do que o chão em que pisamos. Essas visões das duas sobre mim têm funcionado como um cabo de guerra durante minha vida inteira.

Quando eu tinha sete anos, passei um fim de semana na cabana da Vovó Pearl em Sugar Island. Acordei chorando, com dor de ouvido, e a balsa para voltar para a cidade não estava mais circulando. Vovó Pearl me disse para fazer xixi em uma tigela e então derramou na minha orelha enquanto eu apoiava a cabeça em seu colo. No domingo, durante o jantar na casa da GrandMary e do Vovô Lorenzo, eu contei, muito animada, que minha outra avó era muito inteligente. *Vovó Pearl curou minha dor de ouvido com xixi!* GrandMary se contorceu e, no mesmo instante, lançou um olhar para mamãe como se fosse culpa dela. Algo se partiu dentro de mim quando vi o constrangimento da minha mãe. Foi ali que aprendi uma coisa muito importante: em alguns momentos era esperado que eu fosse uma Fontaine, em outros era seguro eu ser uma Firekeeper.

Mamãe se volta para GrandMary, afastando o cobertor de cashmere para passar hidratante em uma perna fina e branca. Está exausta por ficar cuidando da vovó, mas convencida de que ela vai se recuperar. Minha mãe nunca foi muito boa em aceitar verdades tristes.

Uma semana atrás, eu acordei durante um dos seus surtos de limpeza.

Eu já perdi tanto, David. E agora ela. Quando Daunis for embora, j'disparaîtrai.

Ela usou a palavra em francês para "desaparecer". Sumir ou morrer.

Há dezoito anos, meu nascimento mudou a vida da minha mãe. Destruiu os planos que seus pais haviam preparado para ela. Eu era tudo o que mamãe tinha no mundo.

Vovó Pearl sempre me dizia: *coisas ruins vêm em três*.

Tio David morreu em abril.

GrandMary teve o derrame em junho.

Se eu ficar em casa, posso impedir que a terceira coisa ruim aconteça. Mesmo que isso signifique adiar um pouco o Plano.

— Tenho que ir. — Dou um beijo em mamãe e depois em GrandMary.

Assim que saio do prédio, começo a correr. Geralmente caminho os poucos quarteirões até chegar em casa para descansar, mas hoje corro a toda velocidade até chegar na entrada.

Ofegante, eu me deixo cair sob minha árvore de rezas. Esperando o ar voltar.

Esperando que a parte normal do Novo Normal comece.

CAPÍTULO 2

Lily canta pneu na entrada de carros com seu jipe. Toda de preto, como sempre, minha melhor amiga desce do carro para eu entrar no banco de trás. Vó June está no banco do passageiro, um lenço amarrado no pescoço, os olhos castanho-escuros mal veem além do painel. Entre Lily, tão baixinha, e sua bisavó, é difícil dizer se alguma delas consegue enxergar a estrada à frente.

Lily é minha melhor amiga desde o sexto ano, quando veio morar com a Vó June. Nós somos completamente opostas na aparência, e não só pela diferença de altura. Sou tão pálida que as outras crianças Nish me chamavam de Fantasma, e uma vez ouvi alguém falar que eu sou "a irmã desbotada do Levi". Quando Lily morava com seu pai Zhaaganaash e a esposa, eles não a deixavam ficar no sol para que sua pele marrom-avermelhada não ficasse mais escura. Nós duas aprendemos desde cedo que existe um Espectro de Tons de Pele Anishinaabe Aceitáveis, e aqueles que ficam fora dessa escala precisam lidar com diferentes tipos do mesmo racismo.

O sorriso de Lily está contornado por um batom preto. Ele fica ainda maior quando ela olha minha roupa: calça jeans com uma das camisas de hóquei do meu pai que vai até a metade das minhas coxas.

— Lady Daunis em suas melhores vestes. É uma honra conduzi-la. — Lily faz uma reverência.

Eu sorrio e me sinto como se estivesse tirando uma mochila cheia de livros das costas.

— Eu deveria me sentar aí atrás. É muito trabalho para você — diz Vó June ao me ver deitar o banco do motorista para a frente e encaixar meus 1,80 m de altura no banco traseiro. — É como ver um bebê tentando rastejar de volta para dentro do útero.

— Nem pensar, Vó June, você é a melhor copiloto.

Não se faz uma Anciã ter trabalho para acomodar você. É assim que funciona.

Vez ou outra, quando estamos indo para o trabalho, deixamos Vó June no Centro para Idosos Sault, mas depende do que vai ter para o almoço lá. Ela compara os menus mensais dos dois programas de refeição para terceira idade, monitorando ambos com tanto cuidado quanto cartelas de bingo. Se Vó June achar que os Zhaaganaash vão ter uma refeição melhor, ela faz com que Lily a deixe no Sault, no centro da cidade. Caso contrário, a van da reserva a leva da balsa até o Centro para Idosos Nokomis-Mishomis, em Sugar Island, para o almoço e atividades sociais.

— E aí, você fez aquilo lá? — diz Lily enquanto dá uma olhada pelo retrovisor.

— Uhum.

— Usou camisinha? — pergunta Vó June. Todas rimos, e quando Lily faz uma curva fechada demais até o pneu solta um gritinho.

— Não, vó. Daunis contou para a mãe e para a avó sobre não ir para a Universidade do Michigan. É oficial agora: Universidade Lake State!

Ela solta um grito agudo pela janela que assusta alguns turistas na calçada. Lily tentou sem sucesso me ensinar a soltar um *lee-lee*, algo que algumas mulheres Nish usam para celebrar uma conquista ou uma vitória.

Vó June se vira para mim com uma careta. Fico esperando que ela mande eu me sentar direito. É o que GrandMary diria.

— Minha menina, alguns barcos são feitos para o rio e outros para o mar.

Acho que Vó June tem razão. Só não sei qual deles eu sou.

Lily me lança um sorriso carinhoso pelo retrovisor. Na química, uma mistura pode ter dois ou mais componentes que não se combinam. Como óleo e vinagre. Lily sabe como eu me sinto: triste por não ir para Ann Arbor, e ao mesmo tempo feliz por vivermos o primeiro ano de faculdade juntas. Ambos os sentimentos existem separadamente, mas estão circulando juntos dentro de mim.

Passamos por uma rua cheia de lojas de souvenir de um lado. Do outro, ela segue a beira do rio, onde uma multidão de turistas observa um navio cargueiro de uns trezentos metros passar pelas Eclusas Soo.

Eu me lembro de quando fomos para o centro de Ann Arbor no semestre passado e passeamos pelo campus. A empolgação de GrandMary contrastava com as perguntas maçantes da minha mãe sobre os índices de criminalidade. Tio David, que raramente discordava de mamãe, insistiu que eu precisava estudar longe de casa. Porém, para mim, a Universidade do Michigan signifi -cava muito mais do que estudar. Signifi cava fi nalmente me livrar das fofocas que ouvi ao longo de toda a minha vida.

Daunis Fontaine? O pai dela não era aquele jogador de hóquei, Levi Firekeeper? Ele era um dos poucos indígenas de Sugar Island com potencial de verdade.

Eu lembro quando ele engravidou Grace Fontaine, a garota branca mais rica da cidade.

Ele não ficou bebaço em uma festa na ilha e bateu o carro com ela dentro?

Que pena ele ter quebrado a perna no acidente! Justamente quando os olheiros estavam vindo pra cá. Acabou com a carreira dele.

Os pais da Grace mandaram ela morar com parentes em Montreal, mas quando ela voltou com uma bebezinha de três meses, Levi já tinha casado com outra e tido o Levi Junior.

Ouvi dizer que a quietinha da Grace peitou os pais quando quiseram manter a menina longe do Levi e do lado indígena da família.

Ah, e depois teve aquela tragédia horrível…

Passamos por um outdoor que geralmente tem uma propaganda do Resort e Cassino Superior Shores, mas que desde o mês passado está com um anúncio do povo Ojibwe de Sugar Island incentivando membros registrados a votarem na eleição do Conselho do Povo de hoje. Na noite passada, alguém pichou o outdoor e mudou algumas letras para fic ar VOTE! É A EREÇÃO DO POVO.

— Eu votaria por isso — diz Vó June.

Eu e Lily rimos de novo.

Em seguida, Vó June começa a falar sobre como não importa quem for eleito porque, afinal, essa pessoa vai fazer mais por si do que por todos.

— Olha, quando eu morrer, vocês me prometam que vão fazer o Conselho ficar responsável pelo meu funeral — ela faz uma pausa dramática —, assim eles param de só jogar terra e me enterram de vez.

Eu rio junto com Vó June. Como sempre, Lily só balança a cabeça.

— Teddie deveria ter concorrido — comenta Lily. — Ela faria muita coisa boa, né?

Minha Tia Teddie é uma das pessoas mais inteligentes que conhecemos. Ela é tão incrível. Uns idiotas da reserva queriam que Sugar Island fosse declarada independente dos Estados Unidos, e se eles tivessem conseguido convencê-la a entrar nesse plano furado deles, a Operação Separação poderia ter dado certo.

— É, mas a tia disse que pode fazer mais sendo Diretora de Saúde da Reserva — respondo.

Vó June entra na conversa.

— Ela nunca ganharia, assim como eu também não. Teddie joga a real. Eleitores gostam de belas mentiras em vez da verdade cruel, né?

Lily concorda com a cabeça, mesmo que nenhuma de nós possa votar na eleição porque não somos registradas no povo.

— Muitos esqueceram das tradições, de que somos um povo matriarcal. Me escutem, meninas. Mulheres Ojibwe fortes são como a maré, nos lembram de que existem forças poderosas demais para serem contidas. Pessoas fracas temem esse poder. Não vão votar em uma Nish kwe que temem.

Agora sou eu que concordo com a Anciã.

Quando chegamos ao Centro para Idosos Sault, Lily faz a baliza do seu jeito único: colocando o bico do carro primeiro até encostar na traseira do carro à frente. Nós duas descemos para ajudar Vó June, que para de andar antes de entrar no centro.

— Teddie e eu temos a ficha suja. Transamos com homens demais. — Ela levanta o queixo de forma desafiadora. — Bom, isso e nossos crimes.

Lily e eu nos encaramos com olhos arregalados enquanto Vó June acena para nós.

De volta no carro, caímos na gargalhada.

— Cacete. Eu sabia que a Vó June tinha certa reputação, mas será que é verdade que Teddie tem ficha criminal? — indaga Lily enquanto manobra o carro, não sem antes encostar no que está estacionado atrás.

Voltamos para o trânsito.

— A tia diz que todas as histórias dela "aprontando" quando jovem são mentira.

— Falando em aprontar, tudo pronto para amanhã? — pergunta Lily enquanto segue em direção ao segundo território da reserva na cidade.

— Sim, precisamos comemorar — respondo, pensando no lado positivo da minha decisão.

— Você estava tão nervosa para contar para GrandMary. Como ela reagiu?

— Ela… Ela disse que tudo bem. — Mais uma vez me emociono com o momento que tive com a minha avó, quando percebi que ela estava presente e entendia completamente a situação.

— Viu? Você se preocupa demais com as coisas.

Chegamos à arena Chimakwa. Existem dois lugares de votação para a eleição do Conselho do Povo de hoje: um deles é no centro recreativo comunitário e o outro é no Centro para Idosos de Sugar Island. Tem carros enfileirados nas duas faixas da rua Ice Circle. Lily sobe na calçada para estacionar na grama.

Ela me flagra checando se há carros da Polícia da Reserva pelo estacionamento. Sua habilidade no volante sempre chama a atenção da polícia.

— Você já viu o TJ? A gente tem mesmo que chamá-lo de Policial Kewadin agora? Você não convidou ele pra festa, né?

— Não, eu não convidei um policial da reserva pra nossa festa — respondo, envergonhada. — Não sou eu que fico voltando com o meu ex semana sim, semana não.

Lily me lança um olhar frio. Sua boca treme, mas ela fica em silêncio. Quando estamos chegando na primeira fileira de carros, ela me dá um tapa nas costas. Bem forte.

— Ai! Que droga é essa? — Eu me viro e vejo minha melhor amiga fazendo cara de inocente.

— O quê? Tinha um borrachudo do tamanho de um passarinho nas suas costas.

Agora, ela sorri.

Começamos a rir. Nossa risada é tão leve quanto eu me sinto no momento, com a certeza de que tudo vai ficar bem.

Algumas pessoas balançam placas e fazem sinais de seus candidatos favoritos enquanto entram em Chimakwa para votar. Uma senhora fica feliz de nos ver chegando e nos oferece uma bandeja de biscoitos caseiros.

— Elas não são daqui — diz uma pessoa ao lado dela com frieza.

A mulher dos biscoitos abaixa a bandeja e, impaciente, nos cumprimenta com um "tenham um bom dia".

Nós somos descendentes, e não membros registrados, do povo Ojibwe de Sugar Island. O nome do meu pai não está na minha certidão de nascimento e a Lily não tem a quantidade mínima necessária de "sangue indígena", o

quantum sanguíneo, para se registrar. Ainda assim nos consideramos parte do povo, apesar de estarmos observando tudo de fora.

— Como se nós quiséssemos esses biscoitos de moowin — murmura Lily, como Vó June faria.

Eu não comento como nós duas ficamos com água na boca ao ver a bandeja.

O saguão está lotado. Eleitores formam uma fila desde o corredor até a quadra de vôlei que abriga o local de votação. Pais levam seus filhos para as atividades de Niibing. O programa de verão oferece cuidados em período integral para crianças que precisam gastar energia, mas quem acaba exausto somos nós, líderes de equipe.

Antes de nos separarmos para nossos respectivos grupos, Lily me cutuca.

— Até, jacaré.

— Até mais, *Crocodylus niloticus*.

Fazemos nosso aperto de mão especial: bate no alto, bate embaixo, cotovelos unidos, bate os pés, desliza a mão, guerra de dedo e faz uma borboleta com as mãos.

— Te amo, sua nerd. — Lily sempre precisa ter a última palavra.

CAPÍTULO 3

Quando chega a hora da última atividade do dia, eu levo meu grupo de crianças para o vestiário para colocarem seus casacos e moletons, toucas e luvas para a patinação. Transformo esse momento em uma aula de Ojibwe, falando em anishinaabemowin o nome de cada item que visto.

— Naabikawaagan — digo enquanto enrolo um cachecol no pescoço ao pisar no gelo.

— Ei, Popô! — Do outro lado do rinque, Levi grita o apelido que mais odeio.

Nas sextas à tarde, os atletas da Sault Ste. Marie Superiors patinam com as crianças. Os Supes, como são conhecidos, são um time da Junior A, a liga amadora que é ponto de partida para muitos rapazes que querem jogar na universidade ou em uma liga profissional. GrandMary diz que os Supes são uma espécie de "curso preparatório" para jogadores de hóquei.

Meu irmão mais novo, que está no último ano do ensino médio, virou capitão em seu segundo ano no time. Os Supes são os deuses do hóquei aqui no Michigan, o que faz de Levi, Zeus — alguém tão especial que transcende talento natural ou dedicação.

Nós não nos parecemos em nada. Eu sou idêntica a meu pai, mas os traços dele sempre foram proporcionais ao seu rosto, e em mim eles parecem traços de uma caricatura. Levi parece com a mãe, com as covinhas no rosto, a pele cor de bronze e cílios compridos. Meu pai era um deus do hóquei, então Levi

teve a quem puxar. Além do mais, meu irmão sabe ser charmoso, ainda mais quando quer alguma coisa.

Levi e um dos Supes estão patinando com as crianças menores e entre elas estão minhas primas gêmeas, Perry e Pauline.

— Tia Daunis!

Eu amo quando elas me chamam de "tia". Me afasto do meu grupo e vou até as duas.

— Tia, você sabia que hoje é sexta-feira 13? — diz Pauline, parecendo uma professora.

— O Tio Levi disse que isso de azar é uma mentira de merda — responde Perry.

Eu assumo o tom professoral de Pauline ao responder.

— Levi, você sabia que tios e tias responsáveis não falam palavrão perto de crianças influenciáveis? — O Supe ao lado de Levi segura a risada. — Viu? Até o novato sabia disso.

— Eu sou Jamie. Jamie Johnson.

— Tá. Vamos ver o que você faz pelo time antes de eu aprender o seu nome.

A música "Hey Ya", do OutKast, está tocando nos alto-falantes do rinque enquanto tiro meu cachecol. Perry e Pauline se agarram em cada ponta dele e eu o uso para puxar as duas pelo gelo.

Meu pai costumava fazer isso comigo e Levi: uma criança de cada lado e o meio do cachecol preso na cintura como um arreio. O cachecol do meu pai era verde-esmeralda, a mesma cor dos olhos de mamãe. Perry pede para ir mais rápido. Essa menina nunca sorri tanto como quando está em alta velocidade, com seu longo cabelo preto esvoaçando feito rastro de avião. Num impulso, dou meia-volta em direção a Levi, afundando meus patins no gelo para fazer quatro empurres laterais. Rápido o suficiente para Perry soltar um gritinho de empolgação e não ser demais para Pauline.

Ao me aproximar do meu irmão, eu paro, fazendo um quarto de volta. As lâminas dos meus patins raspam o gelo e as lascas atingem Levi e o Novato. Eu dou um sorriso quando eles tentam dar um passo para trás no susto. Levi ri, mas o Novato está de boca aberta, impressionado.

Eu observo as gêmeas. Perry está tentando imitar minha parada. Ela cai, mas logo se levanta de novo. Pauline continua em linha reta até bater em uma das paredes acolchoadas do rinque e cair de costas. Tenho certeza de que ela está bem, mas patino até ela para checar. O Novato me segue.

Quando chego até onde ela está deitada, Pauline olha para mim e abre o maior sorriso do mundo. Seu rosto é lindo e a pele é um âmbar escuro, um tom perfeito de marrom dourado. Ela balança as luvas para mim.

— Me levanta!

Eu me lembro de uma vez quando era criança e caí feio, e meu capacete bateu forte no gelo. Meu pai voou para o meu lado, sua voz grossa ecoando, *N'Daunis bazigonjisen*! Eu dei um jeito de me levantar mesmo com a visão meio turva. *Minha garota!*

Sempre que eu caio, a voz do meu pai é o trovão depois do relâmpago que diz para eu me levantar.

— Nah, você tá bem — digo.

Ela ri com gosto quando o Novato a ajuda a se levantar.

— Você deveria ter deixado ela ficar deitada até congelar — falo para o Novato e tento não sorrir quando ele rodopia com Pauline no gelo e ri com ela. Há pessoas observando tudo, e eu não vou alimentar nenhum tipo de fofoca.

Olho em volta procurando por Lily. Ela está cercada de crianças do jardim de infância patinando lentamente com seus apoios de plástico que mais parecem andadores para idosos. Ela encontra meu olhar e faz um gesto obsceno com a mão e a língua. Obviamente Lily concorda com todo mundo que não para de falar sobre o novo integrante dos Supes, o garoto que foi anunciado para a temporada de 2004-2005.

Jamie Johnson é gato demais.

A cicatriz de Jamie Johnson o torna misterioso.

Não é um saco que Jamie Johnson tenha uma namorada lá onde ele mora? É, não vai durar…

E o pior de todos…

Ei, Daunis, você pode pedir para o Levi para eu ser a embaixadora do Jamie Johnson?

Eu dou uma olhada nele. De um ponto de vista técnico, talvez Jamie seja atraente, sim. Ele tem olhos grandes e escuros e o cabelo castanho é comprido o suficiente para ter várias ondas e cachos. Eu estou mais interessada na cicatriz que vai da ponta externa da sobrancelha direita até o maxilar. Eu a analiso com atenção: não tem a aparência de um queloide, então deve ser uma cicatriz hipertrófica.

— Levi me falou de você, que vai para a Universidade do Michigan — diz Jamie ao observar as gêmeas voltando para seu grupo.

— Ah… Eu… Bom, mudança de planos. — Encontro o olhar de Levi, que se junta a nós. — Vou para a Lake State. Minha mãe precisa de mim. — Pigarreio antes de continuar. — Sabe como é… Com tudo o que aconteceu.

Eu não falo do aviso da Vovó Pearl sobre como coisas ruins sempre vêm em três.

— Você vai ficar? — Levi solta um grito. — UHUUUUUL!

Meu irmão me abraça tirando meus pés do chão e rodopia comigo até eu ficar enjoada. Bato nas costas dele, rindo. A felicidade dele é contagiante.

Levi me coloca de volta no chão.

— Agora temos uma coisa pra comemorar neste fim de semana. Festa no casarão amanhã às oito, viu? A cerveja vai estar trincando.

— Eu e Lily vamos, com certeza.

Ainda comemorando, Levi sai patinando, e, como o Flautista Encantado, crianças o seguem em fila tentando imitar seus passos.

— Então, você vai ficar por aqui. — O sorriso de Jamie ilumina seus olhos e tenho a sensação de que meu estômago está dando piruetas.

De um ponto de vista não técnico, Jamie Jonhson fica muito gato quando seus olhos brilham desse jeito.

Ele continua falando.

— Eu queria que você fosse da nossa turma, mas, olha, pelo menos meu tio Ron não vai ser seu professor de ciências.

Eu balanço a cabeça e sinto meu nariz formigar. Tento interromper a sensação travando a mandíbula.

— Aconteceu alguma coisa? — A voz de Jamie parece mais grave e com uma leve preocupação na fala.

— Não, é que… Seu tio está na vaga que era do meu tio na Sault High.

A lembrança do Tio David ajustando a chama no bico de Bunsen me traz uma onda de tristeza. E raiva.

Jamie espera em silêncio.

— Ele morreu alguns meses atrás. Foi horrível. — Eu me corrijo. — Ainda é horrível.

Quando alguém morre, tudo sobre a pessoa vai para o passado. Exceto o luto. O luto se mantém no presente.

É ainda pior quando você fica com raiva da pessoa. Não só por ter morrido, mas pelo jeito que morreu.

Minha mãe desmaiou quando soube do Tio David. Depois, quando a polícia contou os detalhes, ela insistiu que ele estava sóbrio havia mais de treze anos. Nenhuma gota de álcool desde o dia em que ela voltou da biblioteca da faculdade e me encontrou, com apenas cinco anos, lendo para o meu tio desmaiado no sofá. Ela foi enfática: o irmão nunca mais usou nada. Nunca.

— Sinto muito, Daunis.

Meu nome soa diferente na voz quase rouca e cheia de preocupação dele. Jamie prolonga meu nome, parece "Dooou-nis", em vez de como meus parentes Firekeeper dizem: "Dá-nis".

Lily me chama e usa a boca para indicar uma das laterais do rinque, onde Teddie está esperando. Minha tia acena para mim. Eu patino até ela e fico surpresa quando Jamie me acompanha.

— Ei, eu vim votar e buscar as meninas, mas surgiu uma coisa para resolver no trabalho. — Ela olha para Jamie. — Oi, eu sou Teddie Firekeeper. Você deve ser o novo Supe, todo mundo só fala de você. É sempre uma grande novidade quando outro jogador indígena entra no time. De onde você é?

— Jamie Johnson, senhora. — Ele estende a mão em cumprimento. — De todo lugar. Nos mudamos muito.

Tia Teddie está toda elegante, usando um conjunto de calça e blazer e um lindíssimo colar de miçangas com um medalhão de flor, mas ainda tem o ar da garota que daria um soco na garganta de quem a chamasse de Theodora.

— Eu quis dizer de qual povo — explica ela.

— Cherokee, senhora. Mas eu não cresci com minha família.

Eu olho para Jamie. Não consigo imaginar como é crescer sem a família por perto. Eu tenho tantos parentes, nem todos de sangue, que estiveram aqui minha vida inteira. Além de um monte de matriarcas e matriarcas-em-treinamento.

— Precisa que eu cuide das meninas por um tempo, tia?

— Você consegue? — Ela parece aliviada. — Eu preciso voltar para o trabalho. As camisetas para a feira de imunização da semana que vem chegaram e estão todas estampadas com uma coruja dizendo "Seja sábio! Imunize-se!". Ninguém viu isso antes de encomendar trezentas camisetas?

— Putz… — Lily patinou até nós bem a tempo de ouvir o que aconteceu e comentar:

— Qual o problema? — pergunta Jamie olhando para mim, confuso. Ou Cherokees têm ensinamentos diferentes sobre corujas, ou Jamie não conhece a própria cultura.

— Na cultura Ojibwe, a coruja é uma companhia na travessia para a morte — explico. — Não é um bom símbolo para incentivar pais Nish a vacinarem seus bebês.

— Nem todo mundo conhece seus ensinamentos — complementa minha tia. — Então vou encontrar a assessora de saúde comunitária e o supervisor dela para fazermos um pedido urgente de camisetas.

— Numa sexta à noite? — questiona Lily, horrorizada e impressionada ao mesmo tempo.

— Bom, é um problema que eles criaram, então precisam participar da solução.

Tia Teddie chama as gêmeas em anishinaabemowin.

— Aambe, jiimshin. — Elas correm para receber beijos e abraços.

Depois que a mãe vai embora, Pauline pede para Jamie levantá-la no ar. Ele atende, e ela faz uma pose como se estivesse se apresentando nas Olimpíadas. Fico admirada ao ver como ele consegue segurá-la com a técnica perfeita, que eu reconheço graças a anos de patinação artística que aceitei fazer em troca de GrandMary me deixar jogar hóquei. Fico pensando quanto tempo Jamie treinou como patinador artístico em duplas antes de começar a jogar hóquei.

Lily me pega olhando para ele.

— Eu até diria que é uma pena que o novo Supe tenha namorada, mas sei que você não sai com jogadores de hóquei por causa da sua regra miizii sobre o Mundo do Hóquei. — Ela parece até irritada quando diz isso.

— Isso aí. Preciso manter o Mundo do Hóquei longe do Mundo Normal.

No gelo, eu conheço as regras. Mas fora do gelo, elas estão sempre mudando. Minha vida funciona muito melhor quando o Mundo do Hóquei e o Mundo Normal não se cruzam. É a mesma coisa com os mundos Fontaine e Firekeeper.

— Mas coisas boas acontecem quando mundos colidem… Como combustão osmótica.

Eu dou risada.

— Você está confundindo com a teoria das colisões, que é quando duas coisas colidem e trocam energia, mas só se as partículas reativas tiverem energia cinética o suficiente.

— É, isso aí. Como eu misturei as duas coisas? — responde ela, também rindo. — Mas falando sério, suas regras são muito rígidas. Por que você não…

— Lily?

Uma voz chama e nós duas nos viramos. Eu congelo quando vejo o ex-namorado de Lily parado perto da porta lateral do rinque. Fico tensa ao ver o sorriso familiar e esperançoso dele, e então olho para Lily para saber como devo reagir.

Estávamos no sexto ano, no refeitório, quando Lily ouviu pela primeira vez Travis Flint arrotar o alfabeto, todo fofinho e abobalhado. Minha amiga riu tanto que saiu leite pelo nariz dela. Foi a melhor reação que ele havia conseguido provocar, e na mesma hora Travis se apaixonou por Lily. No ensino médio, quando ele cresceu e ganhou maçãs do rosto altas e um maxilar quadrado, as garotas começaram a perceber que o palhaço da turma era ridiculamente bonito. Travis era radiante, especialmente quando fazia Lily rir.

Tudo isso mudou em dezembro, na metade do nosso último ano na escola.

Eu observo Lily com atenção. Se ela falar com ele, eu vou ter que me preparar para mais um capítulo da Saga Lily e Travis. É uma série que está sempre sendo renovada, mesmo que a narrativa seja a mesma.

Felizmente, ela patina para longe, com óbvio desinteresse. Travis não está usando patins, mesmo assim eu bloqueio a passagem pela porta na lateral, mentalizando que cada centímetro do meu corpo é uma parede impenetrável. Todo time de hóquei precisa de um *enforcer*, alguém que vai causar confusão ou se vingar por algo feito com o time. Eu sou essa pessoa para a Lily.

— Ah, Dauny, não reaja assim. — O contorno em volta de suas bochechas está tão marcado que parece que ele esteve doente. Qualquer tipo de leveza no rosto dele se foi. Travis virou a carcaça do garoto engraçado que uma vez me fez rir tanto que até escapou um pouco de xixi.

— Eu juro que tô limpo. Só quero conversar com ela.

— Não vai rolar, Travis. — Eu coloco as mãos nos quadris para parecer ainda maior.

— Eu tô limpo. Eu tô ficando limpo por ela.

— Eu sei — digo.

Eu acredito na intenção dele, mas isso não quer dizer que seja uma boa ideia ficar perto da Lily. Geralmente eu confronto os caras quando ouço esse tipo de merda, mas a sinceridade na voz de Travis quase me faz querer dar um abraço nele. É diferente das conhecidas Mentiras de Homens.

Mentiras de Homens são coisas que homens falam no calor do momento e que vão sumindo com tempo e distância. Eu já ouvi muitas dessas Mentiras graças a TJ Kewadin, o novo policial da Reserva Ojibwe de Sugar Island. *Eu não consigo parar de pensar em você. A Universidade do Michigan fica só a duas horas daqui, a gente dá um jeito*. E a minha favorita? *Eu te amo*.

Travis não está fingindo quando sua voz angustiada falha.

— Eu sinto tanta falta dela. Eu faria qualquer coisa pra ter ela de volta.

— Eu sei que faria. Por isso estou dando uma de guarda-costas aqui.

Lily me contou o que ele fez: *Confia, Lilyzinha. É um remédio do amor. Vai fazer nossa relação ser mais forte. Experimenta por mim.*

— Trav, talvez você deva ficar limpo por você mesmo. Ir às cerimônias. Ficar saudável.

Os olhos de Travis brilham e por um segundo eu me lembro de como ele era bonito e divertido. Dos amigos do Levi, ele era meu favorito. Nós fazíamos quase todas as aulas de ciências avançadas juntos. Travis Flint também era meu amigo.

— Isso vai ajudar, né, Dauny? — diz ele empolgado e se vira, como se fosse sair correndo para a tenda do suor mais próxima. — Eu prometo que vou buscar a medicina tradicional. Ver um curandeiro.

— Fique saudável por você. Não por ela! — grito para ele.

Ao ver Travis ir embora, fico angustiada. Dou uma volta rápida de patins pelo rinque, procurando por Lily. Ela sempre precisa de um abraço depois de encontrar com ele. Vou ouvir o que minha amiga tem a dizer e o que não quer dizer, e apoiá-la em qualquer decisão.

Eu não gosto nem um pouco da Saga Lily e Travis. Só acompanho tudo porque minha melhor amiga faz parte disso, e ela precisa da minha proteção. E do meu apoio. Afinal, os *enforcers* existem para fazer o que outros jogadores não conseguem ou não podem fazer.

Eu já vi Travis em maus bocados, mas dessa vez foi diferente. Ele parecia desesperado, como se quisesse fazer a coisa certa, mas pelos motivos errados. Decido ficar de olho nele para ter certeza de que vai ficar longe da Lily até que esteja melhor. Me preocupo que ela possa estar correndo um risco muito maior do que só ter o coração partido.

Daunis Fontaine vive em dois mundos, mas se sente uma estranha em ambos. Aos dezoito anos, a jovem se vê eternamente dividida entre a família da mãe — branca e conservadora — e a do pai, indígenas da reserva Ojibwe, de Sugar Island, no Michigan. Ela sonha com a nova vida que vai levar ao se mudar para cursar a faculdade, bem longe dos boatos so-bre sua origem, mas uma tragédia a obriga a adiar seus planos.

Quando Jamie, um lindo e talentoso jogador de hóquei, chega à cidade, a jovem sente que a monotonia dos seus dias está prestes a acabar. Porém, ao testemunhar um assassinato perturbador na reser-va, ela se dá conta de que há algo errado — com Jamie, seus amigos e sua comunidade.

De uma hora para outra, Daunis se vê envolvida em uma inves-tigação do FBI sobre uma nova droga que tem feito cada vez mais vítimas. Receosa, ela aceita trabalhar como informante, usando seus conhecimentos de química e da medicina tradicional Ojibwe. Mas a busca pela verdade se mostra mais perigosa e dolorosa do que ela imaginava, trazendo à tona segredos e abrindo feridas ainda não ci-catrizadas.

A Filha do Guardião do Fogo é um *thriller* impactante e frenético, que mergulha nas experiências de uma jovem indígena que fará de tudo para proteger seu povo e sua família, mesmo que isso signifique pôr todas as suas convicções à prova.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1187/